

A CAVALARIA POLONESA NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Por Reinaldo V. Theodoro



Cavalarianos do 7º Regimento de Ulanos¹ de Lublin em manobras, abril de 1939.

Tradicionalmente, a Cavalaria é a arma das forças terrestres que se destina às ações de choque e de reconhecimento. Historicamente, a cavalaria é a arma mais móvel dos exércitos e a segunda mais antiga — depois da infantaria.

Como seu nome induz a entender, ela se baseia nos soldados montados a cavalo. Todos os Exércitos mais antigos do mundo, seja na China ou no antigo Egito, tem notáveis tradições dessa arma, em geral destinada aos nobres guerreiros.

Com a Polônia não foi diferente, exceto pelo fato de que a conturbada história do país tem um hiato de mais de 120 anos, entre a chamada 3ª Partição (24/10/1795) e o renascimento da República Polonesa após o fim da Grande Guerra. Em todo esse tempo, porém, seja sob o domínio russo, prussiano ou austro-húngaro, a tradição da cavalaria polonesa sobreviveu. Menos de dois anos depois, em agosto de 1920, ela foi decisiva contra a cavalaria vermelha do Marechal Budenny, que já havia alcançado os subúrbios de Varsóvia. A intervenção da cavalaria salvou a Polônia.

O fim da 1ª Guerra Mundial, porém, marcou o início do fim para as unidades de cavalaria em muitos países. Devido ao uso crescente de armas e tecnologias que proporcionavam velocidade de ação e superioridade de fogo até então irrealizáveis, a cavalaria tornou-se cada vez mais um anacronismo aos olhos dos militares modernos. De acordo com as doutrinas de guerra então desenvolvidas, o papel fundamental na resolução das batalhas seria desempenhado no futuro pela infantaria, parcialmente motorizada, apoiada por grandes efetivos de tanques, artilharia e aviação. Ao contrário das conclusões tiradas pelos militares ocidentais, as experiências do teatro de guer-

ra oriental, especialmente a Guerra Russo-Polonesa, foram completamente diferentes. Os principais determinantes da ação aqui foram os vastos espaços e a escassez de forças e recursos disponíveis, o que impossibilitou a manutenção por muito tempo de uma típica linha de frente. Diferentes condições obrigaram a tomar atitudes adequadas, tanto na esfera operacional quanto na tática. A essência dos combates no Leste durante a Guerra Russo-Polonesa foi a manobra, que permitia eliminar a vantagem numérica e técnica do inimigo. Portanto, o que era fundamental não eram massas de infantaria, mas unidades móveis de cavalaria operando eficientemente numa grande área.

A Nova Cavalaria Polonesa

Em todo o tempo e lugar, as unidades de cavalaria tinham um espírito de corpo bastante arraigado, que poderia ser descrito como a crença de que eram unidades de elite e normalmente tinham o moral muito elevado. Cada regimento era considerado um expoente único do Exército e buscava inculcar em seus soldados este espírito, geralmente de forma muito eficaz. A profunda lealdade dos soldados a seus regimentos e as longas tradições regimentais tornavam a cavalaria a arma mais respeitada nas forças armadas polonesas. Apesar de sua importância histórica e estratégica, porém, a cavalaria polonesa era organizada em brigadas e não em grandes unidades maiores, como divisões, por exemplo, o que poderia dar a ela um poder de combate muito mais significativo. E sendo a Polônia predominantemente uma planície, a necessidade de grandes unidades de alta

¹ “Ulano” era a tradicional designação dos soldados de cavalaria ligeira polonesa, armados com lanças, mais comumente conhecidos como lanceiros.

mobilidade deveria ter sido por demais óbvia. Além disso, não havia uma doutrina atualizada para o emprego de unidades de cavalaria. Embora fosse, pela sua natureza, uma arma altamente móvel, ela foi orientada a lutar como infantaria e a cumprir tarefas de defesa, onde sua manobrabilidade superior era inútil. Após a reorganização realizada na década de 1930, as brigadas de cavalaria² consistiam em três ou quatro regimentos de cavalaria, cada um com quatro esquadrões de linha, um esquadrão de metralhadoras pesadas, um pelotão de armas antitanques e um pelotão de comunicações. A unidade contava ainda com um regimento de artilharia montada, um regimento blindado (um esquadrão de tanquetes de reconhecimento e um esquadrão de carros blindados), uma bateria de artilharia antiaérea e, muitas vezes, um regimento de fuzileiros.

O poder de fogo de um regimento de cavalaria era equivalente ao de um batalhão de infantaria, mas a cavalaria não tinha morteiros. Em números, um regimento de cavalaria, quando desmontado, tinha a força de apenas duas companhias de infantaria.

O serviço militar na cavalaria durava 23 meses e os oficiais de cavalaria eram recrutados entre as classes latifundiárias.

Uma característica histórica sobrevivente na cavalaria polonesa era a lança – uma arma de choque que consistia de uma haste tubular metálica, com cerca de três metros de comprimento, com um fiel de couro, pesando cerca de 2,1 quilos. Abaixo de sua afiada ponta de quatro gumes ficava uma pequena bandeirola, com cerca de 20 centímetros de largura e 50 de comprimento, com as cores regimentais. A lança não era usada como arma, mesmo em manobras, desde 1934, e, depois de abolida, só era transportada nos carroções de bagagem. As lanças deveriam ser usadas somente em desfiles e apresentações por mera tradição da cavalaria. Às vezes, eles ainda eram usados durante o treinamento, mas os regulamentos militares não previam seu uso em combate durante uma guerra.

Paradoxalmente, as tropas de cavalaria empregaram esta arma aparentemente obsoleta nos campos de batalha em 1939. Além dela, cada cavalariano tinha uma carabina (*Karabinek wz.29*), um sabre, uma baioneta, uma pequena ferramenta de sapa, máscara de gás, mochila, apetrechos de cozinha e um capacete de aço francês (modelo Adrian 1915). Oficiais e suboficiais podiam ser reconhecidos por suas botas de montaria de corte elegante, que provaram ser uma forma clara de identificação para os franco-atiradores alemães. De fato, a principal tática da cavalaria era lutar a

pé. Os cavalos serviam aos cavalarianos apenas como transporte e, após chegarem ao local da batalha, os cavalarianos lutavam desmontados como infantaria. A sua principal tarefa em termos de ataque era flanquear rapidamente o inimigo, chegar à sua retaguarda, interromper as linhas de comunicação e desorganizar o abastecimento da frente. As cargas deveriam ocorrer apenas contra a infantaria inimiga em movimento e desprotegida e contra posições de artilharia. Contudo, quando se tratasse de uma ação defensiva, ela deveria assegurar os flancos das formações táticas superiores de armas combinadas, bem como setores secundários da frente.



Cavalarianos poloneses com capacetes Adrian 1915 franceses, que haviam sido inicialmente destinados à infantaria.

Uma formação de cavalaria típica polonesa era equipada com metralhadoras, canhões de campanha de 75 mm (*Armata Polowa wz.02/26*), canhões antitanques Bofors de 37 mm, canhões antiaéreos Bofors de 40 mm e também fuzis antitanques *Karabin Przeciwpancerny wz.35*. Esta arma em particular era muito eficaz contra todos os tipos de veículos blindados alemães da época. A unidade de artilharia montada de nível operacional era o regimento, composto por baterias de três ou quatro canhões cada, uma coluna de munições, um quartel-general e material rodante pesado. Essas tropas podiam marchar tão rápido quanto a cavalaria, ao mesmo tempo que forneciam apoio de artilharia rápido e direto. O número de baterias de cada regimento dependia diretamente da sua filiação a uma determinada brigada e era ajustado ao número de regimentos de cavalaria nela incluídos (cavalarianos ou fuzileiros). A operação conjunta de todas as forças do regimento era possível desde que a área operacional da brigada não ultrapassasse 4 ou 5 quilômetros.

² *Brygada Kawalalerii*, abreviadamente BK.



Um lanceiro polonês com um fuzil antitanque *Karabin Przeciwpancerny wz.35*. Esta arma podia penetrar a blindagem de qualquer tanque e carro blindado alemão em setembro de 1939.

A peça de artilharia padrão da cavalaria polonesa era, ironicamente, um canhão de origem russa, que havia sido fabricado em São Petersburgo para o Exército do czar, centenas dos quais acabaram nas mãos dos poloneses após a Guerra Russo-Polonesa. No entanto, o seu calibre era de 3 polegadas (76,2 milímetros) e, em meados dos anos 1920, os poloneses decidiram convertê-lo para o calibre de 75 mm, surgindo o *Armata Polowa wz.02/26*. Em 1939, havia 466 unidades desse canhão em serviço, equipando principalmente os esquadrões de artilharia da cavalaria polonesa, mas também servindo em trens blindados e com a infantaria. Eram consideradas armas confiáveis e eficientes, contando com munição de alto-explosivo, de fragmentação, antitanque, incendiária, traçante, iluminativa, fumígena e de demonstração.

Foi estimado que uma guarnição de canhão de artilharia montada bem treinada poderia passar com eficiência do galopar para abrir fogo em uma situação de perigo em cerca de dois minutos. Como observação adicional, deve-se notar que o aprestamento de uma bateria de artilharia montada e a sua prontidão para o disparo foram estimados em cerca de 10 a 15 minutos, em comparação com 30 minutos para uma bateria de artilharia leve.

As divisões de infantaria polonesas em 1939 tinham esquadrões de cavalaria divisionais, que operavam principalmente como unidades de reconhecimento. Essas subunidades eram constituídas por um esquadrão de cavalos, um esquadrão de ciclistas e um esquadrão pesado misto com carros blindados. Estas subunidades, compostas por quatro pelotões de linha, também contavam com um pelotão de metralhadoras pesadas em montagens de rodas e seu próprio pelotão de

comunicações.

Na primavera de 1937, deu-se início à mecanização da cavalaria polonesa. A 10ª Brigada de Cavalaria era totalmente motorizada e equipada com motocicletas, tanquetes TKS, tanques 7TP e Vickers E britânicos. Em 1938, o 1º Regimento de Fuzileiros Montados também foi motorizado, juntamente com o 24º Regimento de Ulanos, o 10º Regimento de Fuzileiros Montados e o 10º Regimento de Artilharia Montada.

Ao todo, onze brigadas de cavalaria convencionais foram organizadas e distribuídas entre os diferentes exércitos que defendiam as fronteiras polonesas: Krakowska, Kresowa, Mazowiecka, Nowogrodzka, Podlaska, Podolska, Pomorska, Suwalska, Wielkopolska³, Wilenska e Wolynska. Dessa forma, o grosso da cavalaria polonesa, cerca de 70.000 cavalarianos (menos de 10% do Exército polonês em 1939), estava espalhado por toda a enorme frente e, em consequência disso, não podia assumir uma função estratégica relevante. Durante a campanha de 1939, as brigadas serviram como reserva móvel, preenchendo lacunas na frente e cobrindo a retirada de outras unidades. Unidades de cavalaria polonesas tomaram parte na maioria das batalhas de 1939 e em várias ocasiões demonstraram merecer ser considerada a elite do Exército polonês.

A cavalaria polonesa foi a última força estratégica a manter a sua forma original. E, com o fim da campanha germano-polonesa de setembro de 1939, sobreveio a extinção de uma força que era diferente apenas em detalhes das unidades de cavalaria do Século XIX.

Preparação para o Desastre

Os comandantes dos regimentos de cavalaria em 1939, durante as manobras do último verão, esperavam que estes pudessem ser os últimos exercícios pacíficos e que em breve teriam de liderar as suas tropas em batalha. Contrariamente às opiniões prevalecentes em círculos oficiais, eles estavam conscientes do fato de que a nova guerra poderia ser muito diferente da campanha vitoriosa de 1920 e poderia se aproximar mais de um conflito em que a cavalaria desempenharia o papel de tropas bem treinadas montadas a cavalo, o que, graças a este meio de transporte, seria mais móvel e mais eficaz que a infantaria devido à maior rapidez no emprego de armas automáticas e antitanques. Assim, desistiram de forçar os cavalos, ordenando que eles fossem poupados ao máximo, se concentrando no treinamento dos homens no emprego de metralhadoras e armas antitanques.

³ Grande Polônia.

Como parte da mobilização secreta introduzida a 23/03/39 por algumas organizações militares na área do Distrito do IX Corpo, a Brigada de Cavalaria Nowogrodzka foi mobilizada, mas a mobilização não abrangeu o 3º Regimento de Fuzileiros Montados sediado em Wolkowysk. A brigada foi então transportada por trem para a região de Sierpc. A 13/08/39, foi ordenada a mobilização de unidades selecionadas, o que significou a mobilização da Brigada Wolynska, bem como do 12º Regimento de Ulanos Podolsky da Brigada Kresowa, estacionados neste distrito.



Desfile da cavalaria polonesa.

A Brigada de Cavalaria Nowogrodzka, comandada pelo General Wladyslaw Anders⁴, tornou-se parte do Exército “Modlin” a 08/08/39. Ela se viu na área de concentração sem um de seus regimentos, o que foi remediado pela anexação do 4º Regimento de Fuzileiros Montados de Plock. O 3º Regimento de Fuzileiros Montados tornou-se então parte da Brigada de Cavalaria Suwalska. Por sua vez, a Brigada Kresowa foi deixada pelo anteriormente mobilizado 12º Regimento de Ulanos de Podolsky, que foi incorporado à Brigada Wolynska, e ela recebeu um regimento de cavalaria do Corpo de Proteção de Fronteira, formado em maio de 1939. Graças a estas mudanças, o Major-General Juliusz Rómmel tinha duas brigadas de cavalaria de quatro regimentos em seu Exército.

As restantes brigadas de cavalaria mobilizaram-se sem quaisquer alterações na sua composição, mas as datas da mobilização significaram que no dia em que a guerra começou, pelo menos três delas ainda estavam em transportes ferroviários: Podolska (Exército “Poznan”), Kresowa (Exército “Lodz”) e Wilenska (Exército “Prusy”).

Curiosamente, o Exército polonês, que pelo menos em teoria era uma força poderosa, tinha planos de atacar a Alemanha em caso de guerra.

⁴ Que posteriormente comandou o 2º Corpo de Exército polonês na Itália.

Por exemplo, a Brigada de Cavalaria Podolska, parte do Exército “Poznan”, tinha como objetivo previsto o ataque a Berlim.

Entre as forças com funções de ataque, estava a Brigada Pomorska, do Exército “Pomorze” (Pomerânia), estacionada no corredor polonês. Esta força tinha ordens de dar um golpe de mão contra a cidade livre de Dantzig. Contudo, a rapidez da invasão alemã impediu qualquer ação ofensiva.

O Mito da Carga de Cavalaria Contra Tanques

Pelo meio-dia de 01/09/39, primeiro dia da 2ª Guerra Mundial, no assim chamado Corredor Polonês, a 20ª Divisão motorizada estava na sua marcha para o Leste, em direção a Chojmice. Por volta das 14h00min, houve um pesado combate entre a vanguarda da divisão e o 18º Regimento de Ulanos ao longo da linha férrea entre Chojmice e Naklo. Os ulanos receberam ordem de contra-atacar, para permitir que a infantaria do Grupo Operacional “Czersk” pudesse recuar em direção ao rio Brda. Nos bosques próximos à aldeia de Krojanty, os cavalarianos se organizaram e o 1º Esquadrão do 18º Regimento de Ulanos apareceu no flanco das colunas alemãs no final da tarde. Quando o ajudante do regimento, Capitão Godlewski, ouviu a ordem para atacar, ele perguntou se não seria melhor a cavalaria desmontar antes de atacar. “Jovem”, disse o comandante do regimento, Coronel Kazimierz W. Mastalerz, “sei bem o que é obedecer a uma ordem impossível de ser cumprida”.

Por volta das 17h00min, o Major Malecki levantou seu sabre e, com este sinal, a cavalaria lançou seu assalto – a primeira carga de cavalaria da 2ª Guerra Mundial.

Mesmo antes de deixar o bosque, eles começaram a receber o fogo de metralhadoras da vanguarda alemã. A massa de cavalarianos colocou seus cavalos a trote e então a galope – movendo-se rapidamente para frente e para longe do campo aberto, com sua pouca cobertura. Bem curvados sobre os pescoços de seus cavalos, carregaram com seus pesados sabres mantidos retos à frente. Os primeiros mortos e feridos caíram de suas montarias. A despeito disto, o ímpeto da carga cresceu mais ainda quando o 2º Esquadrão e elementos dos 3º e 4º Esquadrões se juntaram ao ataque. Uma grande onda de cavalaria, composta por cerca de 250 homens, rompeu pelo campo aberto. A infantaria alemã, pega de surpresa, tentou se salvar recuando. Cerca de 800 soldados alemães então se dispersaram em pânico. Porém, na curva da rodovia, uma longa coluna de tanques e tropas motorizadas apareceu. Inicialmente, no calor da refrega, ela passou despercebida aos ulanos. Os poloneses foram

então atingidos por uma chuva de fogo partindo dos blindados e, antes que fossem capazes de fazer a volta com seus cavalos, a carnificina começou. Cavalos tombavam, enquanto outros disparavam, puxando seus cavalarianos pelos estribos com eles. O Capitão Swiesciak, que tinha liderado a carga, caiu ao solo com seu cavalo e o comandante regimental, Coronel Mastalerz, foi morto enquanto corria para ajudá-lo com alguns ulanos. No espaço de alguns minutos, metade dos ulanos tinha sido atingida.



Coronel Kazimierz Władysław Mastalerz (20/11/1894 – 01/09/39). Após a batalha de Krojanty, o corpo do Coronel Mastalerz, juntamente com outros, foi sepultado pelos alemães. Porém, apenas duas semanas depois, os corpos foram desenterrados e não se sabe ao certo onde foram enterrados novamente.

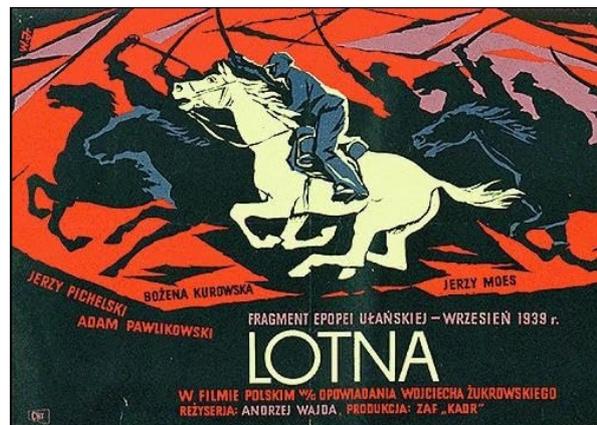
Para os ulanos em Krojanty, a única chance de sobrevivência era tentar uma manobra arriscada, tão rápido quanto possível, de forma a passarem pela coluna inimiga. Não esperavam que a coluna blindada alemã aparecesse no campo de batalha e quando isso aconteceu, foram totalmente surpreendidos. Pouco mais de vinte ulanos morreram no ataque, incluindo quatro oficiais. No entanto, os cavalarianos sofreram perdas muito maiores durante a retirada, após o contra-ataque dos blindados alemães.

Com esta carga de cavalaria em Krojanty, nasceu o mito da cavalaria polonesa, armada só com sabres e lanças, atacando tanques alemães.

No dia seguinte ao combate, correspondentes de guerra alemães e italianos chegaram ao local e os alemães declararam que os ulanos poloneses haviam morrido enquanto atacavam seus tanques. Esta estória foi descrita pelo correspondente italiano Indro Montanelli, que não foi testemunha direta das alegadas afirmações, e o seu relato dos acontecimentos foi inteiramente inventado por ele, o que ele admitiu a 29/08/98 no jornal italiano *Corriere della Sera*. O relato de Montanelli foi usado pela propaganda alemã, que usou o

mito dos ulanos poloneses atacando os tanques alemães como uma demonstração da “estupidez polonesa”.

Os nazistas queriam utilizar o episódio para ilustrar a superioridade tecnológica e militar do Terceiro Reich sobre a Polônia. O Ministro da Propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels, declarou que a Polônia era tão fraca e atrasada que o Exército polonês foi forçado a defender-se dos tanques alemães com cavalarianos armados com sabres e lanças. Em um de seus discursos, ele usou o mito como “prova da estupidez” polonesa e da “irracionalidade” da nação, que, segundo ele, “precisava “ser esmagada porque era incapaz de governar a si mesma”. O mito foi representado num filme alemão de propaganda feito em 1941, intitulado “*Kampfgeschwader Lützow*”, em que os poloneses que atacavam tanques alemães eram interpretados por soldados eslovacos. Embora o filme constituísse propaganda nazista e fosse um pseudodocumentário, cenas dele foram mais tarde frequentemente usadas como autênticas em filmes documentais sobre a campanha de setembro. Ironicamente, em 1959, o filme polonês “*Lotna*”⁵, de Andrzej Wajda, retratou o mesmo episódio, para revolta de muitos de seus compatriotas.



Cartaz do filme “*Lotna*”, de Andrzej Wajda, cujo pai, um oficial da cavalaria polonesa, foi assassinado no infame massacre de Katyn.

Além disso, a propaganda comunista do pós-guerra também se aproveitou deste mito. Os cavalarianos se tornaram uma ilustração simbólica na propaganda da República Popular Polonesa de quão atrasado no desenvolvimento e quão politicamente míope era a Polônia capitalista, que supostamente não havia preparado o país para a guerra, esbanjando assim inutilmente as vidas de seus soldados.

⁵https://www.clubesomnium.org/files/ugd/30f511_b7ac897cde6e4ce0b3d9a6a0dc4be668.pdf

Paradoxalmente, o mito também foi utilizado de boa-fé por alguns publicitários do pós-guerra, referindo-se às tradições nacionais e elogiando as armas polonesas. Segundo eles, pretendia-se ilustrar a bravura e o heroísmo dos soldados poloneses que tiveram a coragem de enfrentar um inimigo mais bem armado.

Os cavalarianos poloneses atacando tanques alemães tornaram-se uma representação simbólica da campanha de setembro aos olhos de vários artistas poloneses e estrangeiros. O mito, difundido pela propaganda política, tem muitas manifestações na arte, contribuindo para a popularização destas falsas ideias entre milhões de pessoas. Além do cinema, o mito refletiu-se em outros campos da arte, como a literatura e a pintura.

Durante a guerra, houve, é claro, vários outros ataques feitos contra a infantaria, que levaram os alemães a chamarem o apoio de tanques, ou houve casos de a cavalaria polonesa ter sido atacada por tanques. Mas o fato historicamente consistente é que não houve uma única carga da cavalaria polonesa contra tanques alemães em setembro de 1939.

Durante a campanha de setembro, a cavalaria polonesa realizou dezessete ataques contra os alemães, nenhum dos quais visando atacar blindados. Os ataques eram na maioria das vezes contra infantaria, cavalaria, artilharia e acampamentos. Em vários casos, também foram feitos ataques para romper cercos. Contrariamente à crença geral, a maioria dos ataques da cavalaria polonesa realizados em 1939 foi bem-sucedida.

A Luta da Cavalaria Polonesa

Operando na ala esquerda do Exército “Lodz”, já dentro da área de responsabilidade do Exército “Cracóvia”, a Brigada Wolynska, de quatro regimentos, comandada pelo Coronel Julian Filipowicz, travou uma batalha épica na área da aldeia de Mokra, cerca de 20 quilômetros a Noroeste de Czestochowa, atrasando efetivamente o avanço alemão sobre Varsóvia.

No início da invasão alemã, a 31ª Divisão de Infantaria, bem como as 1ª e 4ª Divisões Panzer, cruzaram a fronteira no setor operacional da Brigada de Cavalaria Wolynska. Depois de desbaratar pequenos destacamentos da guarda de fronteira e da Defesa Nacional, as unidades alemãs tomaram as cidades de Krzepice e Starokrzepice, diretamente em frente das principais posições polonesas.

A Brigada de Cavalaria Wolynska estava postada ao longo da ferrovia de Czestochowa. Dois regimentos de Ulanos (19º e 21º), assim como o 4º Batalhão do 84º Regimento de Infantaria, anexado a ela, estavam entrincheirados em ambas as

extremidades de uma floresta ao redor da vila de Mokra, a Oeste da linha Norte-Sul da linha ferroviária. A Leste, o Coronel Filipowicz posicionou a reserva da brigada: o 12º Regimento de Ulanos, o 2º Regimento de Fuzileiros Montados e o 21º Batalhão Blindado.

A principal tarefa da brigada era manter a ligação entre a 7ª Divisão de Infantaria ao Sul e a 30ª Divisão de Infantaria ao Norte.

As unidades alemãs foram divididas em três grupos de assalto. A 1ª Divisão Panzer dirigiu-se diretamente para a cidade de Klobuck, defendida pela 7ª Divisão de Infantaria polonesa, enquanto a 4ª Divisão Panzer foi dividida em colunas Norte e Sul, cada uma tentando flanquear as posições polonesas ao redor de Mokra. Ao mesmo tempo, a Luftwaffe iniciou um pesado bombardeio contra as posições polonesas, principalmente com bombardeiros de mergulho Junkers Ju 87.

Às 06h30min do primeiro dia da guerra, os esquadrões de reconhecimento de motocicletas da 4ª Divisão Panzer fizeram contato com a 12ª companhia do 84º Regimento de Infantaria em Stanislaw Radajewicz. Pouco depois chegaram os blindados, apoiados pela infantaria. No entanto, após vários ataques de armas antitanques polonesas nos seus flancos, os tanques alemães perderam a orientação e o ataque foi detido. O avanço alemão foi renovado pouco depois, mas foi repellido por fogo de metralhadora. Dois blindados recuaram, enquanto a maioria dos motociclistas foi feita prisioneira.



Cavalaria polonesa em marcha. Pode ser observado um canhão antitanque sueco Bofors de 37 mm sendo rebocado. Na Polônia, ele foi designado *Armata Przeciwpancerna wz.36* de 37 mm e foi a arma antitanque padrão do Exército polonês.

A 4ª Divisão Panzer então voltou a atenção ao 21º Regimento de Ulanos, mais ao Norte. Após uma curta barragem de artilharia e bombardeio aéreo, os tanques alemães tomaram a aldeia de Wilkowieck e dirigiram-se diretamente para a aldeia de Mokra. No entanto, embora o regimento tivesse perdido muitos cavalos e aproximadamente cinco carros de munição, as bombas erraram a maioria das posições defensivas polonesas e os tanques que avançavam foram recebidos a 150 metros por canhões antitanques Bofors de 37 mm

bem posicionados. Depois que dois tanques foram destruídos, os blindados alemães recuaram para 400 metros e começaram a bombardear os poloneses com artilharia, mas, depois de perderem mais dois tanques (um destruído e outro imobilizado), as forças alemãs recuaram. A infantaria alemã foi deixada numa área plana e aberta, em frente das posições polonesas, sem qualquer cobertura. Ela foi forçada a recuar por um ataque da cavalaria polonesa, que causou pesadas perdas e resultou na tomada de um grande número de prisioneiros.

As posições do 19º Regimento de Ulanos foram atacadas às 08h00min por um grupo de assalto composto por blindados, motociclistas e infantaria. O grupo alemão, dividido em três colunas, avançava em direção à aldeia de Rebielice Szlacheckie para flanquear o 21º Regimento pelo Norte. No entanto, os alemães aparentemente desconheciam as posições do 19º Regimento. O grupo mais ocidental capturou facilmente a aldeia, mas o grupo central foi apanhado numa emboscada pelos poloneses perto da floresta e teve de recuar. O terceiro grupo avançava ao lado das posições polacas na floresta, completamente inconsciente das forças contrárias a várias centenas de metros de distância. Quando as metralhadoras e canhões antitanques poloneses abriram fogo, o grupo foi quase aniquilado antes que pudesse reagir.

No entanto, o flanco Norte polonês estava em perigo e os alemães tinham descoberto as suas posições. Para conter a ameaça, o Coronel Filipowicz ordenou que o 12º Regimento de Ulanos, até então mantido na reserva, fortalecesse as posições do 19º Regimento.

Às 10h00min, os alemães iniciaram um ataque ao flanco Norte, mas foi repellido na maioria das posições, com perdas significativas de ambos os lados. Quinze minutos depois, a 4ª Divisão Panzer repetiu o ataque, desta vez com apoio de artilharia e cobertura aérea. O ataque foi organizado em três colunas: ao Norte, visando as posições do 19º Regimento, para flanquear a brigada; no centro, em direção à própria vila de Mokra, com aproximadamente 100 tanques e blindados; ao Sul, visando o enfraquecido 4º Batalhão do 84º Regimento de Infantaria.

O ataque ao Norte foi realizado rapidamente. Sob forte fogo de cobertura, os tanques alemães, uma mistura de Panzer I e Panzer II, conseguiram invadir a floresta e garantiram uma estrada que atravessava a linha férrea até a aldeia de Izbiska Duze, ao Norte do Quartel-General polonês. Às 10h30min, o 4º Esquadrão polonês do 19º Regimento de Cavalaria, desmontado, foi atacado por trás e empurrado para fora da floresta. Isso ameaçou separar os 19º e 21º Regimentos.

No entanto, a defesa polonesa foi reforçada com a chegada do trem blindado Nº 53, conhecido como *Smialy* ("Arrojado"), que chegou ao campo de batalha no momento em que os tanques alemães cruzavam a linha férrea. Ele parou no meio da coluna alemã e abriu fogo contra os tanques alemães à queima-roupa com seus dois canhões de 75 mm e metralhadoras pesadas. A coluna alemã foi dispersada e recuou com pesadas baixas, perdendo vários tanques Panzer I e II, enquanto o 19º Regimento cruzou a ferrovia sob a cobertura do trem blindado. Embora o 19º Regimento tenha sofrido sérias perdas, conseguiu se reagrupar do outro lado.



Trem blindado Nº 53 *Smialy*. Originalmente austríaco, ele foi capturado pelos poloneses em novembro de 1918. Após a Batalha de Mokra (01/09/39), ele escapou para o Leste, lutando nas batalhas de Brest-Litovsk (14-17/09/39) e Lvov (12-22/09/39). A 22/09/39, ele foi abandonado por sua tripulação e foi capturado pelos soviéticos. Em 1941, ele foi capturado pelos alemães, sendo empregado durante a Batalha de Stalingrado.

Simultaneamente, começou um ataque alemão às principais posições do 21º Regimento perto da aldeia de Mokra. Os tanques alemães conseguiram flanquear o 4º Esquadrão do Regimento pelo Norte, ao mesmo tempo que o atacavam frontalmente. Os defensores polacos foram expulsos da floresta e tiveram início combates intensos pela própria aldeia. Os alemães perderam quatro tanques para o 2º Regimento de Artilharia polonês que disparou do outro lado da ferrovia, mas o 4º Esquadrão estava em retirada, lutando pelas casas da aldeia e sofrendo pesadas perdas. Mais uma vez o dia foi salvo pelo *Smialy*. Ele chegou à área no auge da batalha e abriu fogo a uma distância de quase dois quilômetros e meio, que estava além do alcance efetivo dos canhões de tanques alemães da época, acabando por destruir ou imobilizar vários outros Panzer I e II. Além disso, o 12º Regimento de Ulanos foi transferido para a área e reforçou o 21º Regimento.

O 21º Batalhão Blindado, equipado principalmente com tanquetes TKS, recebeu ordens de contra-atacar a aldeia, junto com um esquadrão de cava-

laria. No meio das nuvens de fumaça da aldeia em chamas, as unidades polonesas acidentalmente chegaram no meio de uma coluna de tanques alemães. Embora os tanquetes poloneses não fossem páreo para o Panzer II e a cavalaria fosse muito vulnerável ao seu fogo, a confusão nas fileiras alemãs impediu o seu comandante de responder com eficiência. As unidades polonesas conseguiram romper a coluna alemã com perdas insignificantes e capturaram a floresta a Noroeste de Mokra. No entanto, os tanques alemães perderam novamente a orientação e a coluna retirou-se da aldeia, deixando-a novamente em mãos polonesas. Os tanques retiraram-se para as suas posições iniciais em Wilkowiecko, deixando para trás a infantaria que apoiava o ataque frustrado. As perdas alemãs foram elevadas e um grande número de alemães foi feito prisioneiro.

Ao mesmo tempo, também às 10h00min, as posições do 4º Batalhão do 84º Regimento de Infantaria foram atacadas por um destacamento de infantaria mecanizada alemã. Após os confrontos iniciais, as 11ª e 12ª Companhias retiraram-se cada vez mais para dentro da floresta. O Coronel Filipowicz ordenou que o 2º Regimento de Fuzileiros Montados contra-atacasse e fortalecesse as posições entre o 21º e o 84º Regimentos. Além disso, a 10ª Companhia conseguiu atacar o inimigo e retomar as posições perdidas apenas alguns minutos antes. Ao meio-dia, os combates no centro e no Sul das posições polonesas terminaram. Os combates na floresta no flanco Norte terminaram depois que o 19º Regimento se retirou com sucesso.

Às 12h15min, aproximadamente 100 tanques alemães retornaram à aldeia de Mokra. O assalto principal rompeu as linhas do 4º Esquadrão do 21º Regimento e os tanques conseguiram neutralizar os ninhos de artilharia antitanque, destruindo dois dos canhões e avançando para o centro da aldeia. As casas ali foram incendiadas e o 21º Regimento conseguiu retirar-se para a linha férrea protegido pela fumaça. Restaram apenas bolsões isolados de resistência na própria aldeia, que causaram muitos transtornos aos alemães.

A retirada do 21º Regimento permitiu que os alemães atacassem diretamente o 12º Regimento e o 2º Regimento de Artilharia. As perdas desta última unidade foram elevadas, uma vez que a maioria dos canhões de campanha de 75 mm não eram a melhor arma para a luta antitanque. A 2ª bateria perdeu todos os três canhões e a sua metralhadora pesada, enquanto a 5ª bateria perdeu dois canhões. No entanto, o resto das posições de artilharia foram cobertas pela fumaça das casas em chamas que os alemães incendiaram e foram escondidas com êxito. Quando um grupo de tanques se aproximou inadvertidamente da 1ª

bateria, os canhões poloneses dispararam diretamente contra os tanques alemães, destruindo treze deles em questão de minutos. Isso permitiu que os poloneses mantivessem suas posições. Além disso, o 12º Regimento atacou os tanques alemães pela retaguarda, da floresta anteriormente retomada ao Noroeste da aldeia. Embora ambos os lados tenham sofrido pesadas perdas, os alemães retiraram-se. Após o término do assalto, o 2º Regimento de Artilharia foi retirado da batalha devido às pesadas perdas e à escassez de munição.

Às 15h00min, os alemães retomaram o ataque frontal, com fogo de artilharia pesada, ataques aéreos e quase 180 tanques vindos de Wilkowiecko. Simultaneamente, foram iniciados ataques nos flancos poloneses. O ataque frontal foi dirigido ao 2º Esquadrão do 12º Regimento, no centro da aldeia. Embora a artilharia polonesa tivesse destruído muitos deles, os tanques alemães conseguiram invadir novamente a aldeia. O 4º Esquadrão contra-atacou, mas ambos os esquadrões eram constantemente pressionados próximo à linha férrea. O Coronel Filipowicz não tinha mais reservas e os tanques alemães aproximavam-se do cruzamento ferroviário, enquanto a cavalaria polaca era rechaçada com pesadas perdas. Logo os regimentos perderam contato entre si. Por causa da fumaça, a batalha se dividiu em uma série de escaramuças diferentes nas florestas, na aldeia e ao longo dos trilhos. Todas as baterias, exceto uma, foram retiradas da batalha. Isso tornou crítica a situação do 12º Regimento.

O 2º Regimento de Fuzileiros Montados, única unidade ainda intacta e em contato com o comando da brigada, recebeu ordem de atacar a todo custo, reforçar o 12º Regimento e fechar a lacuna entre a cavalaria e o 84º Regimento no Sul. Isto ajudou a defesa polonesa, mas apenas provisoriamente. O Coronel Filipowicz ordenou que os tanquetes poloneses atacassem os tanques alemães na aldeia. Embora os tanquetes não fossem abastecidos com munição antitanque, no caos da batalha eles conseguiram deter temporariamente o avanço alemão. Depois de perder um veículo, os poloneses retiraram-se, mas conseguiram ganhar tempo suficiente para que o trem blindado retornasse à área. Ao Norte, nas posições do 19º Regimento, os tanques também conseguiram romper e começaram a cruzar a ferrovia perto de Izbiska. Quando os tanques alemães cruzaram a linha, dois trens blindados chegaram e os atacaram por trás. Embora as perdas em tanques tenham sido limitadas, o pânico que grassou nas unidades alemãs resultou no abandono de muitos tanques pelas suas tripulações, que não conseguiam conduzir os tanques

diretamente através dos trilhos da ferrovia (cujo leito ficava a cerca de dois metros acima do solo) e a travessia havia sido bloqueada por tanquetes. Embora ambos os trens tenham sofrido algumas perdas e finalmente tenham sido forçados a recuar, a desordem nas fileiras alemãs não foi sustada. No meio da fumaça, alguns tanques alemães começaram a atirar contra suas próprias posições, enquanto outros simplesmente recuaram para sua posição inicial, diretamente através da infantaria alemã.

No Sul, a infantaria polonesa foi mais uma vez empurrada para o interior da floresta, mas as suas linhas não foram rompidas. Às 17h00min, a batalha terminou.



Cavalerianos poloneses desmontados.

A 4ª Divisão Panzer foi forçada a voltar para suas posições iniciais em Opatów e Wilkowiecko e apenas o 12º Regimento *Schützen* conseguiu chegar à via férrea em Izbiska. No entanto, ao saber que a 1ª Divisão Panzer havia conseguido tomar Klobuck, as forças polonesas foram retiradas durante a noite até a aldeia de Lobodno, situada a Nordeste de Klobuck e, em seguida, para a segunda linha de defesa, cerca de 12 quilômetros mais a Leste.

As perdas de ambos os lados foram bastante elevadas. Os alemães perderam cerca de 800 homens (mortos, desaparecidos, capturados ou feridos) e entre 100 e 160 veículos destruídos ou danificados (pelo menos 50 deles tanques).

A brigada polonesa teve 200 mortos e 300 feridos, bem como perdeu 6 peças de artilharia e armas diversas.

O 2º Regimento de Artilharia Montada perdeu quase 30% dos homens, o 21º Regimento, quase 25%, e o 12º Regimento de Ulanos perdeu 5 oficiais e 216 homens entre mortos e feridos.

Esta batalha constituiu quase um modelo de uso criativo de condições de campo favoráveis para organizar, como parte de ações retardadoras, defesas temporárias em linhas de campo subseqüentes, onde as tarefas de combate foram as-

sumidas como parte de táticas de armas combinadas. Uma manobra habilidosa de fogo e recursos de combate de regimentos de cavalaria, fuzileiros, artilharia a cavalo e um trem blindado interromperam efetivamente três ataques de tanques alemães na zona de responsabilidade de 12 quilômetros de largura da Brigada Wolynska no primeiro dia da guerra. No papel, a largura da zona de ação de uma brigada de cavalaria, de acordo com os padrões adotados em 1938, era de 4 a 6 quilômetros em terreno médio, e, em terrenos com obstáculos antitanques naturais, essa largura poderia chegar a 8 quilômetros. A profundidade da zona de retardo para um dia de combate seria de 10 a 15 quilômetros. Isto significa que a Brigada Wolynska havia realizado uma tarefa que estava muito além de sua capacidade.

As unidades da Brigada Wolynska, apesar das perdas sofridas no dia anterior, ainda atrasaram efetivamente as ações da 4ª Divisão Panzer, que naquele dia não conseguiu chegar ao rio Warta na área da travessia da ponte em Mlyny. No entanto, o saldo das lutas de retardamento de dois dias terminou com perdas de 25% do efetivo inicial da Brigada Wolynska.

---XXX---

A Brigada de Cavalaria Mazowiecka, comandada pelo Coronel Jan Karcz, cobria o flanco direito da 20ª Divisão de Infantaria, que defendia as fortificações de campo perto de Mława, e foi a primeira a encontrar cavalerianos germânicos da 1ª Brigada de Cavalaria alemã. Já a 01/09/39, na área de Janów e Krzynowloga Mala, uma patrulha do 11º Regimento de Ulanos da Legião encontrou uma patrulha alemã à beira de uma clareira. O comandante da patrulha, o 2º tenente Władysław Kosakowski, juntamente com seus cavalerianos, decidiu realizar uma carga com sabres e lanças. Sem que os alemães se apercebessem do perigo, os poloneses fizeram uma grande fila e saíram correndo da floresta com altos brados. Apesar de pegos de surpresa, os alemães imediatamente sacaram seus sabres e avançaram em direção aos poloneses. As forças antagônicas se lançaram com tal fúria que acabaram passando uma pela outra e ambas prosseguiram adiante, se afastando. Este foi certamente um dos raros usos de lanças na campanha de 1939.

Batalha semelhante ocorreu no dia seguinte, 02/09/39, desta vez envolvendo o 1º Pelotão do 2º Esquadrão do 7º Regimento de Ulanos de Lublin, da mesma Brigada Mazowiecka.

---XXX---

O Esquadrão de Cavalaria Divisional da 33ª Divi-

são de Infantaria polonesa foi encarregado de proteger a fronteira com a Prússia Oriental perto da cidade de Krukowo, a Noroeste de Ostroleka. Às 16h00min do dia 01/09/39, ele lançou um forte ataque a Myszyniec, capturando sua parte Oeste e a vila de Browary, onde capturou alemães da 1ª Brigada de Cavalaria. Ao iniciar o ataque a Myszyniec, o esquadrão polonês utilizou cavalos de cernelha curta, que eram pequenos se comparados aos vistosos cavalos dos regimentos prussianos. Assim que os poloneses conseguiram alcançar os cavalos alemães, eles imediatamente os selaram para terem um novo e belo meio de transporte. Após o confronto, o 1º Pelotão passou a montar cavalos alemães e o 2º Pelotão, cavalos poloneses. Isto se tornou motivo de piadas constantes entre os soldados.



Cavalerianos poloneses portando lanças. Embora abolida nos regulamentos desde 1934, essa arma antiquíssima foi esporadicamente empregada na campanha de 1939.

---xxx---

A 02/09/39, na área de Borowa, o 1º Esquadrão do 19º Regimento de Ulanos Wolhynianos, sob o comando do Capitão Antoni Skiba, atacou um esquadrão de cavalaria alemão. O inimigo retirou-se da aldeia de Borowa sem lutar.

---xxx---

A 02/09/39, a Brigada Wielkopolska, comandada pelo Brigadeiro-General Roman Abraham e subordinada ao Exército "Poznan", realizou vários ataques em território alemão, o mais relevante dos quais foi em Fraustadt, na Silésia.

Na manhã deste dia, aviões de observação poloneses registraram as posições alemãs em torno de Fraustadt. Ao mesmo tempo, uma companhia de batedores poloneses de bicicleta patrulhava as florestas ao longo da fronteira próxima. Às 14h30min, o General Abraham ordenou o ataque a Fraustadt. O ataque deveria ser realizado pelo 55º Regimento de Infantaria de Poznan, estacionado em Leszno.

O grupo que participou do ataque era composto

por 300 soldados e sete oficiais, sendo um pelotão motorizado, um pelotão de metralhadoras pesadas e um pelotão de artilharia. Eles foram apoiados por um pelotão de ulanos no Norte e um esquadrão de tanquetes TKS, além de um pelotão de ciclistas no Sul.

Por volta das 16h00min, as unidades seguiram em direção à fronteira. A infantaria chegou ao local de ônibus, enquanto a artilharia, com carroças puxadas por cavalos, chegou à fronteira depois. O Capitão Edmund Lesisz⁶, no comando da tropa, ordenou o ataque a um posto da guarda de fronteira (*Grenzschutz*) que bloqueava a estrada em direção à aldeia de Geyersdorf. Após uma breve troca de tiros, os alemães recuaram e os poloneses capturaram o posto, juntamente com uma grande quantidade de armamento, que foi levado para o quartel de Leszno.

Enquanto isso, a artilharia polonesa assumia as posições designadas. Pouco depois, os canhões poloneses abriram fogo contra Geyersdorf, o que resultou em pânico entre os soldados alemães. Vários tanquetes TKS surgiram na aldeia, apoiados por tiros de metralhadoras. Como resultado, soldados e civis alemães fugiram de Geyersdorf. A aldeia foi capturada por volta das 18h00min. Logo depois, a artilharia polonesa começou a bombardear Fraustadt, causando algumas baixas. Ao mesmo tempo, um pelotão polonês chegou aos arredores de Fraustadt, a cerca de 8 quilômetros dentro do território alemão. A cidade em si não foi tomada, pois antes do anoitecer o General Abraham ordenou que todas as tropas polonesas retornassem a Leszno.

Durante a retirada, ocorreu um incidente em Swieciechowa. Os residentes da aldeia de etnia alemã saíram com bandeiras nazistas para saudar os soldados poloneses, confundindo-os com o avanço das tropas alemãs. Seguiu-se uma troca de tiros, após a qual a maioria dos alemães foi presa pela polícia militar.

A presença da brigada impediu que as fracas forças alemãs na região cruzassem a fronteira naquele dia.

O ataque a Fraustadt, juntamente com a captura de Geyersdorf, foi usado pela propaganda polonesa para elevar o moral dos soldados e convencê-los de que era possível derrotar os alemães.

---xxx---

Na noite de 02-03/09/39, dois esquadrões do 1º Regimento de Ulanos Krechowiecki (parte da

⁶ Com o fim da campanha polonesa, o Capitão Edmund Lesisz foi capturado pelos alemães e enviado para o Oflag VII-A em Murnau. Encontrado lá pela Gestapo, foi levado para Lódz e assassinado.

Brigada de Cavalaria Suwalska), comandados pelo Coronel Antoni Burlingis e pelo Coronel Zygmunt Nowinski, atacaram postos de fronteira alemães nas aldeias de Kechlensdorf e Aurersberg. O Regimento planejou ainda um ataque à Prússia Oriental, mas o QG do Exército não apoiou a ideia.

---xxx---

A 03/09/39, o 10º Regimento de Fuzileiros Montados repeliu um ataque de tanques alemães na área de Naprawa, a cerca de 50 quilômetros ao Sul de Cracóvia, fazendo inclusive prisioneiros. Temendo um segundo ataque alemão, os poloneses contra-atacaram com um esquadrão reserva apoiado por uma companhia de tanques Vickers. Apoiados pelos tiros de tanques, os fuzileiros atacaram as posições alemãs, repelindo os invasores. Na última leva do ataque polonês, houve combate com granadas e baionetas. Os alemães retiraram-se.

---xxx---

A 03/09/39, ocorreu uma situação inusitada quando o 1º Regimento de Artilharia Montada abriu fogo, dispersando um grupo de cavalos alemães. Assustados, os animais galoparam diretamente para as posições polonesas, sendo então incorporados ao 7º Regimento de Ulanos, onde serviram lealmente até o final da campanha.

---xxx---

A 04/09/39, o 24º Regimento de Ulanos, apoiado por uma companhia de tanques Vickers, atacou os alemães de surpresa, capturando as colinas na área de Kasina Wielka e Mszana Dolna, a cerca de 40 quilômetros ao Sul de Cracóvia. Durante o ataque, três tanques alemães foram destruídos. Dois fortes contra-ataques blindados alemães empurraram os ulanos de volta às suas posições anteriores, das quais se retiraram no dia seguinte.

---xxx---

A Brigada de Cavalaria Nowogrodzka foi transferida para o Norte, para a fronteira polonesa-prussiana, perto da cidade de Lidzbark. Seu objetivo era cobrir a ala Oeste do Exército "Modlin". No primeiro dia da guerra, a brigada enfrentou a 217ª Divisão de Infantaria alemã, a Oeste de Mława. A 04/09/39, ela organizou um contra-ataque bem-sucedido. Depois que as linhas polonesas foram rompidas, porém, a brigada teve que se retirar para o Sul, recebendo então ordens de

defender o rio Vístula entre Dobrzyn e Czerwinski. A 06/09/39, o General Anders foi informado de que suas tropas passariam a fazer parte do recém-criado Exército "Warszawa" (Varsóvia), sob o comando do General Juliusz Rómmel. Seis dias depois, a brigada recebeu ordens de atacar as forças alemãs em Minsk Mazowiecki. O ataque começou a 13/09/39, junto com a Brigada de Cavalaria Wielkopolska. Os poloneses atacaram a 11ª Divisão de Infantaria alemã, porém, sem maior apoio, a ofensiva teve que ser interrompida. Depois disso, o General Rómmel ordenou que a brigada se movesse em direção a Lublin, pois as tropas montadas não tinham utilidade na guerra urbana em Varsóvia.

Ao chegar à área de Lublin, a brigada passou a fazer parte da Frente Norte, comandada pelo General Stefan Dab-Biernacki. Participou de lutas pesadas na Batalha de Tomaszów Lubelski (17 a 20/09/39). Na manhã de 27/09/39, os alemães, utilizando aviões, artilharia e tanques, por fim conseguiram aniquilar a brigada.



Cavalarianos poloneses.

---xxx---

O 14º Regimento de Ulanos Jazlowiecki de Lviv foi a única unidade de cavalaria agraciada com duas campanhas a cavalo: a Ordem da Cruz *Vir-tuti Militari* de 1920 e a faixa por bravura excepcional concedida em Londres em 1966. Nas ações de setembro desta unidade, o único confronto de cavalaria em que os Jazlowieckis encontraram cavalarianos alemães foi a 10/09/39. A área do solar Golice foi assegurada pelo 3º Esquadrão, comandado pelo Tenente-Coronel Marian Walicki. O comandante do regimento, Coronel Edward Godlewski, estava observando a vasta planície de Golice através dos seus binóculos quando notou vários cavalarianos. Incapaz de identificá-los, ordenou a Walicki que enviasse uma patrulha em sua direção. No entanto, antes que os ulanos se aprontassem, Walicki montou em seu cavalo preto "Zeus" e galopou em direção aos cavalarianos com uma pistola na mão. Três cavalarianos surgi-

ram e começaram a se afastar em direção à floresta. No caminho, porém, tiveram que atravessar um largo valão de drenagem. Os cavalos se recusaram a saltar e antes de passarem, Walicki já estava a tal distância que atirou num alemão com a sua pistola e então, depois dela emperrar, sacou o sabre e atacou o outro. O terceiro pulou a vala e conseguiu escapar. Toda a ação ocorreu diante de todo o regimento. Walicki desmontou e tratou o comandante da patrulha alemã gravemente ferido. Em seguida, prometeu notificar a família e a noiva do moribundo e devolver os seus documentos. O comportamento de Walicki e o seu respeito pelo inimigo aparecem como uma expressão de respeito mútuo pelo adversário montado e de profunda irmandade entre cavaleiros de diferentes partes do mundo. Nove dias depois, Walicki foi gravemente ferido enquanto liderava o seu 3º Esquadrão em um ataque perto de Wolka Weglowa, o último ataque na história da cavalaria polonesa com um regimento inteiro. Ele logo morreu no posto de atendimento e foi enterrado no cemitério de guerra em Kielpin.

---xxx---

A Brigada Pomorska, que tinha feito o ataque em Krojanty, seria dizimada quando tentava fugir do cerco de Swiecie. As tropas remanescentes se juntaram à artilharia do Exército "Poznan", que tinha se retirado para o rio Ner. A 12/09/39, os regimentos lutaram em Ozorków, formando a retaguarda ocidental do Exército "Poznan", quando este forçava o seu caminho até Varsóvia, para lutar na cidade sitiada. Os poucos remanescentes da unidade tomaram parte no combate da floresta de Campinos, onde diversos elementos conseguiram romper as linhas alemãs, chegando a Varsóvia, junto com outras unidades do grupo Narew e dos Exércitos "Poznan" e "Pomorze".

---xxx---

A 13/09/39, perto de Maliszewo, a cerca de 40 quilômetros a Sudeste de Torún, o 1º Esquadrão do 27º Regimento de Ulanos, sob o comando do Capitão Borys Gierasiuk, atacou e repeliu os alemães. Na perseguição resultante, os poloneses ocuparam Maliszewo e fizeram numerosos prisioneiros.

---xxx---

A 15/09/39, perto de Brochów, a cerca de 50 quilômetros a Oeste de Varsóvia, parte do 17º Regimento de Ulanos Grande Polônia atacou as posições ocupadas pela infantaria alemã, após o que os ulanos desmontaram e continuaram o ataque a pé. No dia seguinte, um pelotão do 4º

Esquadrão do mesmo regimento forçou os alemães a abandonarem suas posições com uma carga, perto de Gajówka, a cerca de 60 quilômetros a Sudeste de Torún.

---xxx---

A 19/09/39, o 14º Regimento de Ulanos Jazlowiecki, sob o comando do Coronel Edward Godlewski, lançou um ataque com o objetivo de romper o cerco alemão e entrar em Varsóvia através de terreno exposto perto de Wólka Weglowa, então controlado por unidades de cavalaria mecanizada, artilharia e tanques da 1ª Divisão Panzer. A carga surpreendeu os alemães enquanto eles descansavam e causou pânico entre eles. Os poloneses romperam as linhas alemãs e foram a primeira unidade do Exército "Poznan" a chegar a Varsóvia a 20/09/39. No ataque, que durou 18 minutos, vários ulanos foram mortos, incluindo o Capitão Marian Walicki, comandante do 3º Esquadrão.

---xxx---

A 21/09/39, ocorreu a Batalha de Kamionka Strumilowa, quando o 3º Esquadrão do Grupo improvisado "Dubno", comandado pelo Coronel Stefan Hanka-Kulesza, realizou uma carga contra unidades da 4ª Divisão Ligeira alemã que se preparavam para atacar posições polonesas. Com o ataque, os poloneses conseguiram capturar as travessias do rio Bug, desbaratar a 7ª Companhia Motorizada de Pioneiros e uma bateria de artilharia e fizeram cerca de 150 prisioneiros. Após a batalha, o Coronel Hanka-Kulesza ordenou que sua tropa seguisse para a Hungria.

---xxx---

A 23/09/39, perto de Krasnobród, ocorreu o confronto mais sangrento entre a cavalaria polonesa e a alemã. Naquele dia, o 1º Esquadrão do 25º Regimento de Ulanos Grande Polônia, comandado pelo Tenente-Coronel Tadeusz Gerlecki, observou o surgimento de uma unidade de cavalaria alemã de trás das colinas. Os ulanos poloneses sacaram seus sabres e imediatamente atacaram. Os alemães, que pertenciam ao 17º Regimento *Baberski Reiters*, uma unidade de elite, comandados pelo *Rittmeister* Kurt Hasse, reagiram com um contra-ataque. Eles sacaram suas armas e atacaram os ulanos, planejando empurrá-los colina abaixo com a massa de seus cavalos poderosos. Porém, os poloneses compensaram com a maior manobrabilidade de seus cavalos. Começou uma luta corpo a corpo, que lembrava os combates da era napoleônica. O comandante

alemão, excelente com armas brancas, fez vítimas entre os ulanos. Vendo isso, Gerlecki entrou em confronto com o seu adversário. No entanto, o cabo Mikolajewski derrubou o oficial inimigo com um golpe pelas costas. Tendo perdido o comandante, os alemães começaram a recuar para a floresta atrás da colina. Os ulanos começaram a perseguir o inimigo em fuga e depois foram alvo de forte fogo de flanco vindo da vila de Podklasztor. As metralhadoras alemãs dizimaram os lanceiros e Gerlecki foi morto. O já mencionado cabo Mikolajewski conduziu os soldados restantes para uma colina próxima, onde não foram mais ameaçados pelos oponentes. No local, descobriu-se que havia apenas 30 deles e 25 cavalos. No entanto, o sacrifício não foi em vão e logo os poloneses expulsaram os alemães do mosteiro e da aldeia próxima.

---XXX---

A 26/09/39, perto de Morance, o 27º Regimento de Ulanos atacou duas vezes o batalhão de infantaria alemão entrincheirado na vila. Ambos os ataques foram repelidos com pesadas baixas, mas os alemães entabularam negociações e os poloneses retrocederam.

Enfrentando a Cavalaria Vermelha

A 17/09/39, os cavalarianos poloneses enfrentaram um novo inimigo – os seus congêneres do Exército Vermelho, que, juntamente com tropas soviéticas de outras armas, invadiram e ocuparam a Polônia de acordo com as disposições do Pacto Ribbentrop-Molotov de 23/08/39. Ao todo, seis divisões de cavalaria da Frente Bielorrussa e sete da Frente Ucraniana foram enviadas para atacar a Polônia. Cada divisão de cavalaria soviética consistia em quatro regimentos de cavalaria, um regimento de artilharia a cavalo e um regimento de tanques. Duas divisões formavam um Corpo de Cavalaria.

A 18/09/39, durante a dramática retirada da área de Vilnius, cercada por unidades blindadas soviéticas, uma unidade de cavalaria do Corpo de Proteção de Fronteira (KOP⁷) teve um encontro inusitado com uma unidade similar inimiga. Estando em marcha a galope através de um campo sob o comando do cabo Milosz, de repente se depararam com uma grande unidade de cavalaria soviética atravessando uma estrada. Sem qualquer ordem e sem desacelerar, os poloneses desem-

bainharam os sabres e partiram em direção ao inimigo. A confusão que ocorreu na coluna soviética foi, segundo a testemunha que relatou o fato, difícil de descrever. Surpreendidos, os soviéticos entraram em pânico. Alguns caíram dos cavalos e outros rumaram na direção de um bosque. Não houve qualquer derramamento de sangue nesse encontro uma vez que os soviéticos lograram escapar.

A 24/09/39, perto de Husynne, a pouco mais de 100 quilômetros de Lvov, aproximadamente 500 cavalarianos do esquadrão de reserva do 14º Regimento de Ulanos Jazlowiecki e a polícia montada polonesa atacaram a infantaria soviética que cercava a vila. Como resultado do ataque, os soviéticos fugiram em pânico. No entanto, os soviéticos empregaram então unidades blindadas, forçando os cavalarianos a recuar e os poloneses cercados logo se renderam.

Derrota

Em Varsóvia foi formado um imenso bolsão. Este, contudo, não tinha a mínima esperança de apoio externo. Na verdade, a sorte da Polônia foi decidida totalmente no dia 17, quando os soviéticos a invadiram. A rendição era o único caminho – Varsóvia sofreu um terrível bombardeio no dia 27 e no dia 28 capitulou. A última porção de território controlado pelos poloneses, a península de Hela, se renderia a 01/10/39, exatamente um mês desde o início da ofensiva. As últimas tropas a se renderem foram os elementos de uma força mista, composta por elementos de duas brigadas de cavalaria (*Grupa Operacyjna Kawalerii* e a Brigada “Podlaska”) e duas divisões de infantaria (50ª “Brzoza” e 60ª “Kobryn”), cerca de 15.000 homens (mais ou menos o mesmo efetivo que uma só divisão alemã). Estas unidades tentaram abrir caminho à força para a Hungria, chegando até próximo a Lublin, a 02/10/39, onde combateram contra duas divisões motorizadas alemãs (13ª e 29ª). As tentativas de furar o cerco foram infrutíferas e as tropas receberam ordens de se render a 06/10/39.

No entanto, onde quer que a cavalaria polonesa aparecesse, os alemães e os soviéticos sentiam respeito por ela, como evidenciado pela pergunta feita ao Brigadeiro Franciszek Kleberg por oficiais alemães quando a capitulação das forças polonesas foi assinada após a Batalha de Kock: “Você tem certeza de que a cavalaria polonesa também está se rendendo?”

A campanha da Polônia tinha terminado e, com ela, os dias de glória da cavalaria a cavalo. No entanto, diversas unidades recusaram a capitulação imediata, procurando fugir para Lituânia, Hungria ou Romênia (algumas tropas do Exército

⁷ *Korpus Ochrony Pogranicza*. O Corpo de Proteção de Fronteiras foi uma formação militar criada em 1924 para defender as fronteiras orientais da Polônia contra incursões armadas soviéticas e bandidos locais.

“Modlin” chegaram a atravessar a Polônia de Norte para o Sul, conseguindo ser internadas na Hungria).

O Centro de Reserva da Brigada de Cavalaria Podoliana cruzou a fronteira com a Hungria a 18/09/39, sendo recebido com honras pelos seus camaradas de armas húngaros. Assim recordou depois o Tenente-Coronel Włodzimierz Gilewski: “O comandante do 3º Regimento de Hussardos, o velho Coronel von Pongacz, esperava-nos no portão. Ao lado dele, em uma fila em frente à guarita, estava todo o corpo de oficiais do regimento com seus sabres. Foi o último desfile de cavalos do (nosso) regimento de cavalaria”. Os cavalarianos poloneses, de acordo com a tradição secular da comunidade de cavalaria, foram imediatamente cuidados pelos hussardos húngaros, que confraternizaram com eles a tal ponto que os ulanos poloneses lhes ofereceram como lembrança os seus sabres e pistolas, que eles não poderiam levar consigo a caminho da França. “Houve uma emoção avassaladora de ambos os lados. Existe uma forte irmandade de armas na cavalaria. Pessoas completamente desconhecidas umas das outras, estranhas umas às outras, mas cavalarianos, tornaram-se amigos num dia...”, concluiu Gilewski.

Renascimento e Vitória

A cavalaria polonesa não lutaria mais a cavalo, mas continuaria usando as cores de suas queridas unidades de cavalaria.

Uma delas foi a 10ª Brigada de Cavalaria Blindada polonesa (10 *Brygada Kawalerii Pancernej*), organizada na França como parte do Exército Polonês na França, principalmente com veteranos da 10ª Brigada de Cavalaria Motorizada (a chamada “Brigada Negra”) que haviam conseguido escapar da Polônia. Liderado pelo General Stanislaw Maczek, ela participou da Batalha da França em maio de 1940.

Com a queda da França, muitos dos homens de Maczek, incluindo o próprio general, encontraram o seu caminho para a Grã-Bretanha, onde foi criada, a 25/02/42, a 1ª Divisão Blindada polonesa, sob o comando de Maczek. A 10ª Brigada de Cavalaria Blindada⁸ era o elemento blindado da Grande Unidade, que foi levada para a Normandia no final de julho e lutou no Noroeste da Europa até o fim da guerra, sendo dissolvida em 1947. O 1º Regimento de Ulanos Krechowiecki foi formado em 1915 como uma unidade do Exército

⁸ A 10ª Brigada de Cavalaria Blindada era então formada pelo 1º Regimento Blindado, 2º Regimento Blindado, 24º Regimento de Ulanos e 10º Regimento de Dragões (infantaria motorizada).

Imperial Russo e lutou na 1ª Guerra Mundial. Ele foi dissolvido em maio de 1918, mas foi recriado em novembro do mesmo ano. Ele participou então da Guerra Russo-Polonesa e da campanha da Polônia. Como parte da Brigada de Cavalaria Suwalska, ele lutou até 06/10/39, participando da Batalha de Kock. Após a invasão alemã à URSS, o regimento foi recriado como parte das Forças Armadas Polonesas no Leste. Em meados de 1942, após ter deixado a URSS, o regimento foi renomeado 1º Regimento de Cavalaria Blindada e, em setembro de 1942, foi enviado para treinamento no Iraque, onde permaneceu até outubro de 1943. Após o retorno para a Palestina, o regimento foi equipado com tanques M4 Sherman, completando seu treinamento em dezembro de 1943 no Egito. Durante a campanha italiana, o 1º Regimento de Ulanos de Krechowce fez parte da 2ª Brigada Blindada polonesa. Ele lutou na Batalha de Monte Cassino, na Batalha de Ancona, e participou da captura da cidade de Bolonha. O regimento foi dissolvido em 1947.



General Stanislaw Maczek (31/03/1892 – 11/12/94). Veterano da 1ª Guerra Mundial, Guerra Polaco-Ucraniana, Guerra Russo-Polonesa e 2ª Guerra Mundial, Maczek nunca retornou à Polônia. Exilado em 1948 e destituído da sua nacionalidade pelo governo comunista polonês, foi sepultado no cemitério polonês de Breda, na Holanda.

O 3º Regimento de Ulanos da Silésia foi recriado em San Basilio, Itália, como parte das Forças Armadas Polonesas no Ocidente, a 21/08/44. Ele pertencia à 14ª Brigada Blindada Grande Polônia, mas o regimento nunca entrou em combate e foi dissolvido na Grã-Bretanha a 14/06/47.

O 9º Regimento de Ulanos Malopolski (Pequena Polônia) foi formado originalmente em 1809 e posteriormente foi reformado a 21/11/18, após a Polônia recuperar a sua independência. O regi-

mento lutou na Guerra Polaco-Ucraniana, na Guerra Russo-Polonesa e na invasão da Polônia (como parte da Brigada de Cavalaria Podolska), sendo destruído em Varsóvia. Um novo 9º Regimento foi criado em 1940 na França, mas ele foi evacuado e levado para a Escócia. A 08/01/44, um novo 9º Regimento de Lanceiros foi formado e ele foi incluído na composição da 4ª Divisão de Infantaria como o seu regimento de reconhecimento, mas não entrou em combate.



Sherman V do Esquadrão A do 24º Regimento de Ulanos, parte da 10ª Brigada de Cavalaria Blindada, Holanda, 04/11/44.

O 12º Regimento de Ulanos, que tanto se destacou em Mokra, foi recriado na URSS. A 17/10/42, recebeu a designação de 12º Regimento de Cavalaria Blindada. Em maio de 1943, o regimento foi designado para a 3ª Divisão de Infantaria dos Cárpatos e foi rebatizado 12º Regimento de Reconhecimento Podolsky. Em dezembro, por fim, seu nome foi alterado para 12º Regimento de Ulanos Podolsky. O regimento lutou com a 3ª Divisão polonesa por toda a campanha italiana, do rio Sangro à Linha Gótica, passando por Monte Cassino. Ele foi dissolvido a 06/05/47.

O 14º Regimento de Ulanos Jazlowiecki foi recriado na França em abril de 1940 como o 3º Batalhão, fazendo então parte da 10ª Brigada de Cavalaria Blindada. Após a derrota da França, foi reconstituído na Grã-Bretanha como o 1º Batalhão de Fuzileiros, resgatando a sua designação de 14º Regimento de Ulanos a 08/10/40, ainda como parte da 10ª Brigada de Cavalaria Blindada. A 15/08/42, ele foi redesignado 14º Regimento de cavalaria Blindada, revertendo ao nome original a 08/01/44. Em outubro de 1943, o regimento foi transferido para a 16ª Brigada Blindada Independente, que não entrou em combate. Grande parte de seu pessoal foi transferido para repor as perdas da 1ª Divisão Blindada, os quais foram substituídos por ex-prisioneiros de guerra poloneses que haviam sido obrigados a lutar no Exército

alemão. Ele foi dissolvido em janeiro de 1947.

O 15º Regimento de Ulanos de Poznan teve a sua nova existência iniciada na URSS a 17/04/42, sob a designação de “Batalhão S”. A 08/10/42, no Iraque, a unidade foi convertida no 15º Regimento de Cavalaria Blindada, unidade de reconhecimento da 5ª Divisão de Infantaria Kresowa. No final de 1942, o regimento foi renomeado como 15º Regimento de Ulanos de Poznan. Nos meses seguintes, a unidade foi treinada no Iraque, Palestina, Líbano e Egito. Durante fevereiro e março de 1944, o regimento foi transferido para a Itália. Em maio de 1944, o regimento participou da Batalha de Monte Cassino e mais tarde rompeu a Linha Hitler. Em outubro de 1944, o regimento estava lutando nos Apeninos Emilianos. Em janeiro de 1945, o 15º Regimento foi transferido para o Egito, onde ficou subordinado à 14ª Brigada Blindada Grande Polônia (*Wielkopolska Brygada Pancerna*). Em outubro de 1945, a brigada foi transferida para Giulianova, na Itália, e em junho de 1946, para Browning Camp, perto de Londres. Em 1947, o regimento foi dissolvido.

Na Itália foram recriados o 7º Regimento de Ulanos de Lublin e o 25º Regimento de Ulanos Grande Polônia, mas não ficaram operacionais antes do fim da guerra.

De todos os regimentos de cavalaria poloneses recriados no Ocidente e transformados em cavalaria blindada, dois receberam fitas por bravura excepcional durante as campanhas de 1944-45: o 1º Regimento de Ulanos Krechowiecki e o 15º Regimento de Ulanos de Poznan, unidades cujas bandeiras já haviam sido condecoradas com Cruzes *Virtuti Militari* pela Guerra Russo-Polonesa de 1920.

A cavalaria polonesa lutou, morreu, renasceu e triunfou. Uma belíssima demonstração de tenacidade, profissionalismo e patriotismo, a despeito de todas as adversidades que podiam parecer – e realmente eram – insuperáveis. Um magnífico exemplo do que uma força disciplinada e devotada ao seu país e ao seu povo, impregnada pelo conceito de honra, pode fazer em seu momento mais sombrio. Infelizmente, um exemplo que não tem sido reconhecido e espelhado em outras forças militares de outros países, como o nosso, por exemplo.